

VAGAR

CINEMA

“A justiça inflexível é frequentemente a maior das injustiças”

Públio Terêncio Afro
Dramaturgo e poeta
(185 a.C.-159 a.C.)



Etudo O vento levou

É O FILME DE QUE SE FALA. A *HERDADE* MARCA O REGRESSO DO CINEMA PORTUGUÊS À COMPETIÇÃO NO FESTIVAL DE VENEZA. UMA OBRA SOBRE O FIM, QUE PODE SER O PRINCÍPIO DE MUITAS COISAS

CLÁUDIA LOBO



“Quero que olhes para isto. Quero que percebas que as coisas, quando acabam, acabam.” A câmara passa da cara enrugada do homem de olhos verdes para o rosto imberbe de um miúdo, que o escuta à força. Ambos olham de frente para uma árvore solitária, imponente na paisagem, onde está pendurado o filho do homem, e irmão da criança, que se enforcou. O barulho do vento perturba. O filme só vai no seu primeiro minuto e já não tiramos os olhos do ecrã.

As primeiras imagens de *A Herdade* – produção portuguesa que esta quinta-feira, 5, é exibida na competição oficial do Festival de Veneza – passam-se no Portugal dos anos 1940 e o filme cavalgará meio século na vida de uma grande família de latifundiários, até aos anos 90, percorrendo o impacto que as transformações políticas e económicas tiveram na vida daquela família e daquela herdade. Estão lá as terras que são tão grandes que têm leis próprias, a PIDE, os comunistas, as festas glamorosas de Cascais, a Guerra Colonial, a Revolução, a Reforma Agrária, as fugas para o Brasil, a devastação da droga, o poder dos bancos... João Fernandes é o latifundiário que não cabe nas catalogações de conservador ou progressista, à volta de quem tudo gira. Mas, na verdade, *A Herdade* é muito mais do que isso, transformando-se num “melodrama de destruição familiar”, num jogo em que o todo é maior do que a soma das partes.

A ideia partiu do produtor Paulo Branco, apaixonado pelos grandes filmes de Visconti e Bertolucci e pelos melodramas americanos, convicto de que faltava ao cinema português um filme que abordasse o período pré-Revolução, o 25 de Abril e o pós-Revolução, dando-lhe um carácter universal. Por relações de amizade, conheceu de perto como viviam os grandes latifundiários antes de 1974, ele que saiu de Portugal em 1971 “porque sentia que isto era um mundo a acabar”. “Uma das coisas que mais me fascinaram com o que ficou da Revolução foi aquela explosão do não dito, a situação dramática de filhos que viram implodir as suas famílias”, conta à VISÃO. “Eram pessoas que pensavam que nunca na vida alguma coisa lhes pudesse acontecer, que não imaginavam que poderiam ser confrontadas com algo desconhecido. E era, precisamente, o confronto com situações desconhecidas que me interessava explorar.”

Além da ideia de como se passa de

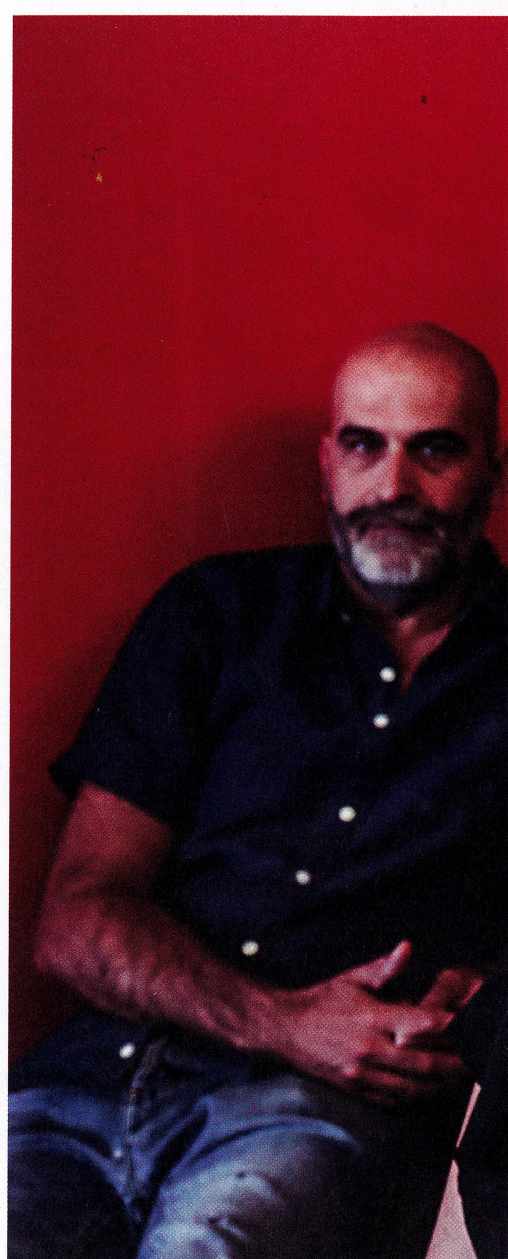
um quase feudalismo para o neoliberalismo, ao escritor Rui Cardoso Martins, a quem há oito anos convidou para escrever o argumento de *A Herdade*, Paulo Branco deu ainda outra indicação sobre esta ficção que pretendia verosímil. “Queria fazer um filme sobre uma personagem maior do que a vida, *bigger than life*... Alguém todo-poderoso e que, com o seu poder, destrói tudo à sua volta.”

PROTAGONISMOS E SILÊNCIOS

Já Rui Cardoso Martins tinha o formato do guião pronto quando Paulo Branco percebeu que Tiago Guedes, com quem já tinha feito dois filmes, era a pessoa certa para assumir o papel de realizador. “Quando o Paulo me convidou, o que mais me atraiu foi a personagem do João Fernandes e a forma como a história do País se cruza com a vida da família”, diz Tiago, a quem foi pedido que trabalhasse também o argumento e o elenco. Albano Jerónimo foi o nome que lhe surgiu imediatamente para interpretar a personagem principal. Tinham trabalhado juntos em teatro, e aquilo que pretendia de um ator, bem como as características físicas, estavam nele reunidos. “Tive o privilégio de trabalhar como protagonista num filme, o que nunca tinha feito”, conta Albano. “Interessava-me imenso essa gestão diária de meter palavras que não são minhas neste corpo. Não penso numa personagem, mas numa série de acontecimentos que vão moldando essa personagem... Gosto de pensar em mim como algo que está ao serviço de alguém, para comunicar algo que é superior a mim.”

Sandra Faleiro, que desempenha Leonor, a mulher de João Fernandes, foi escolhida pelo olhar e pela forma “como existe também nos silêncios”, explica Tiago Guedes. “Algo que os caracteriza aos dois é existirem sempre em cena, mesmo quando as suas personagens não têm de fazer nada.”

“A mim preocupa-me ser o mais justo possível”, continua Albano Jerónimo. “O que é isso? É não ser barato nas emoções.” Tiago Guedes pega na deixa: “Isso tem que ver com a ambiguidade, na minha opinião. Uma das valências do filme é habitar uma zona de ambiguidade emocional muito grande de todas as personagens. Não as percebemos completamente, tal como na vida não temos acesso ao interior dos



“**UMA DAS VALÊNCIAS DO FILME É HABITAR UMA ZONA DE AMBIGUIDADE EMOCIONAL MUITO GRANDE DE TODAS AS PERSONAGENS. NÃO AS PERCEBEMOS COMPLETAMENTE, TAL COMO NA VIDA NÃO TEMOS ACESSO AO INTERIOR DOS OUTROS**”

TIAGO GUEDES
Realizador

“

É MESMO BONITO CHEGARES LONGE, A UM SÍTIO COMO O FESTIVAL DE VENEZA, ATRAVÉS DO TEU TRABALHO. O MEU FOCO É APROVEITAR ESTE MOMENTO DE FELICIDADE E, COM TODA A GENTE QUE FEZ O FILME, CELEBRAR ESTE TRABALHO”

ALBANO JERÓNIMO

Ator que interpreta o protagonista, João Fernandes



outros. Aqui não há personagens-tipo, esquemáticas. Normalmente, nos guiões é tudo muito explicadinho, tudo muito redondo – e isso é muito pouco a vida.” Albano Jerónimo fala de um trabalho “imperfeito”, em que as imperfeições dão o lado humano dos protagonistas.

“Todas as personagens são ilhas numa ilha”, acrescenta Sandra Faleiro. “A herdade é como uma ilha e cada um está na sua ilha. Isso sente-se. O som também ajuda a essa ideia de isolamento. E acho que a vida também é assim.”

UMA EMOÇÃO EM CADA CENA

Durante as nove semanas de rodagem, na primavera do ano passado na Herdade Barroca d’Alva, em Alcochete, propriedade de José Samuel Lupi (a quem é feito um agradecimento especial na ficha técnica), o argumento foi continuando a fazer o seu caminho. Paulo Branco quis estar sempre presente, para poder ir trocando ideias com o realizador, e assumiu a direção de produção. “Este é o terceiro filme que faço com o Paulo Branco e aquele em que o seu nível de presença e entusiasmo foi maior”, conta Tiago. “Foi, criativamente, batendo bolas

“

JOÃO FERNANDES É O REI-SOL, TUDO GIRA À SUA VOLTA. LEONOR É UMA MULHER DOS ANOS 70, FILHA DE UM GENERAL, SUBMISSA, EDUCADA PARA ESTAR ATRÁS DO HOMEM E SER INVISÍVEL. ISSO EXIGE UMA GRANDE CONTENÇÃO”

SANDRA FALEIRO
Atriz que interpreta Leonor



PAULO BRANCO
PRODUTOR

O nosso homem em Veneza

Quarenta anos de carreira pontuados por 20 filmes em competição no histórico festival italiano

A *Herdade* é o vigésimo filme produzido por Paulo Branco presente na competição oficial do Festival de Veneza. Desde *O Estado das Coisas*, de Wim Wenders (de 1982, em coprodução), o produtor português esteve 31 vezes presente naquele certame, 20 das quais em competição. Levou a concurso Manoel de Oliveira, João César Monteiro, Pedro Costa, João Mário Grilo, João Botelho, mas também Alain Tanner, Peter Handke, Werner Schroeder, Raúl Ruiz. E agora, Tiago Guedes, com uma história que partiu de uma ideia sua. “Há vários filmes que foram ideias minhas, como o *Cosmopolis*, do [David] Cronenberg. *Os Mistérios de Lisboa* [de Ruiz] foi um projeto muito pessoal, andei 20 anos a tentar fazer um filme com aquela história... Mas o caso d’*A Herdade* é diferente, porque não parte de nenhum livro, é muito próximo de coisas que vivi, e, portanto, logicamente, tem mais de mim do que a maior parte de todos os outros filmes.”

Afirmado que o Festival de Veneza funciona hoje como lançamento para os Oscars, Paulo Branco explica que este é um certame de extrema importância para os norte-americanos, em que plataformas como a Netflix e a Amazon apostam muito. “Se reparar, dos 21 filmes que estão em competição, o único com realizador e atores desconhecidos é *A Herdade*. O Albano Jerónimo está a competir com o Brad Pitt, o Joaquin Phoenix, o De Niro, e o Tiago

Guedes com o Polanski, o Soderbergh, o Todd Phillips...” O seu papel foi o de proporcionar essa oportunidade ao realizador e aos atores. “Hoje, os produtores ou são funcionários que andaram nas escolas de cinema ou só sabem somar e subtrair”, diz. Com mais de 300 filmes produzidos ao longo de uma carreira iniciada em 1979, Paulo Branco, 70 anos, vai receber, a 4 de outubro, no Japão, o Prémio Mundial das Artes Leonardo da Vinci, do Conselho Mundial da Cultura. É o primeiro português a ser distinguido por esta organização internacional fundada em 1981, que destaca o “prolífico e variado trabalho, desenvolvido no âmbito do cinema independente, trilhando novos caminhos e construindo pontes em todo o mundo, bem como a sua dedicação em aproximar diferentes áreas da cultura, como a literatura, as belas-artes e a música.”



DIANA TINOCO



comigo sobre o guião, durante a rotação e, depois, na montagem.”

Como um organismo vivo, a história do filme foi-se moldando ao que ia acontecendo. Por exemplo, as reações, durante as filmagens, da criança que interpreta o filho de João Fernandes em pequeno tiveram impacto na forma como Tiago Guedes passou a ver a relação entre pai e filho – e Tiago lá pegou de novo no papel e na caneta. O realizador-argumentista usa a palavra “descascar” para esse processo de depuração no qual, tendo sempre uma história clara na cabeça, conseguiu trabalhar até ao limite a ambiguidade das personagens.

“Com um estúdio de dois mil hectares, corríamos um risco: o da facilidade”, sublinha Paulo Branco. “Passeios no campo, caçadas, esse tipo de coisas... Mas a ideia sempre foi não haver cenas ilustrativas. Queríamos que cada cena tivesse uma emoção – e as que não tinham saíram.”

O “CONTRACAMPO DO TORRE BELA”

Torre Bela é um documentário sobre a ocupação por trabalhadores de uma herdade no Ribatejo, realizado em 1975 pelo alemão Thomas Harlan, e que se tornou uma obra emblemática sobre a Reforma Agrária e o período imediatamente a seguir ao 25 de Abril. E o seu montador, o italiano Roberto Perpignani, foi a pessoa escolhida por Paulo Branco para encadear as filmagens de *A Herdade*, em que a história se mostra do lado dos proprietários. “Estou a desafiar-te para montares o contracampo do *Torre Bela*”, disse-lhe, ao convidá-lo. “Sempre achei que para termos um grande filme tínhamos de ter um grande montador”, explica o produtor. Perpignani, que trabalhou com os irmãos Taviani e Bernardo Bertolucci, fala português e conhece Portugal, portanto conseguia perceber todo o contexto da história.

“TEM FALTADO AO CINEMA PORTUGUÊS UMA AMBIÇÃO DE FICÇÃO. FILMES QUE, FALANDO DE NÓS, POSSAM SER UNIVERSAIS. NOS ÚLTIMOS ANOS, O CINEMA PORTUGUÊS FECHOU-SE SOBRE SI PRÓPRIO. UM FESTIVAL É UMA FORMA DE ABRIR PORTAS, DE CHEGAR A OUTROS PÚBLICOS, E NÃO UM FIM. E MUITOS DOS FILMES PORTUGUESES RECENTES TÊM FEITO EXATAMENTE O CONTRÁRIO: FECHAM-SE NOS FESTIVAIS ONDE VÃO”

PAULO BRANCO, produtor

João Fernandes (Albano Jerónimo) Uma personagem “maior do que a vida”, que chegará às salas de cinema portuguesas no próximo dia 19, depois das apresentações nos festivais de Veneza e Toronto

“Na montagem, fomos ainda mais longe nesse processo de depuração”, acrescenta Tiago Guedes.

“O que é fantástico”, opina Paulo Branco, “é o Tiago e o Roberto terem-se percebido um ao outro; naqueles silêncios, naquelas trocas de olhares... Outro montador poderia ter achado que o filme estava lento e ter começado a cortar. Ora, o filme não é nada lento e tem lá os silêncios, os olhares, a tensão toda”.

“1900 PORTUGUÊS”

Mal viu a pré-montagem, Paulo Branco reuniu a equipa num jantar, para lhe dizer que considerava que o filme tinha pernas para fazer uma carreira internacional. “Disse-lhes que nos íamos encontrar muitas vezes.” Organizou três projeções em Paris, com “pessoas importantes” que confirmaram a sua opinião. “Um filme de grande respiração épica”, um “1900 [filme de Bernardo Bertolucci] português, com menos meios de produção mas com a mesma ambição”, eis como o diretor do Festival de Veneza, Alberto Barbera, classificou *A Herdade*, ao revelar que a longa-metragem portuguesa havia sido selecionada para a secção competitiva do certame, o que não acontecia com um filme português desde 2005.

Paulo Branco meteu-se, também, num avião e foi a Toronto mostrar uma versão do filme, um pouco maior do que a final e ainda sem música – “e adoraram”. *A Herdade* será exibido nas *Special Presentations* do Festival Internacional de Cinema de Toronto, categoria na qual também marcam presença outros filmes que estão em competição em Veneza, nomeadamente os de Steven Soderbergh e de Atom Egoyan. “Com uma fotografia panorâmica atraente, *A Herdade* funde a grandiosidade cinematográfica com a inevitabilidade de uma tragédia grega. Enfeitiça-nos com a especificidade da sua cultura, enquanto nos trespassa com a universalidade da sua história”, lê-se no site desse importante festival canadiano.

O grande teste chegará no dia 19 de setembro, quando o filme se estreiar em Portugal, em mais de 50 salas. Como é que o País se vai ver a si próprio no cinema? clobo@visao.pt